

equo de la hermosura de la Gloria de Maria, cuya Assumpcion retrata; en los quatro angulos de la media naranja estan quatro escudos organizados de las armas de los señores patrones, y sobre ellos quatro evangelistas, con tal valentia, que juzgan los ojos estan fuera de la pared en el aire los cuerpos. Todo ello costo al Convento dos mil reales de a ocho. Para ponderacion de lo que es, vaste decir que aviendo llamado a los Mejores Pintores de la Corte para que prosiguiesen la Capilla Mayor, aviendo bisto con emutacion, algunas fajas, tarjetas, y laminas, lo desarmo diciendo no se atrebian a proseguir sin allarse sin quien se alijente a intentarlo. *Al margen, con letra distinta dice* «Pinturas de la Media Naranja del Celebre Pintor Miguel Angel Colona».

ELIAS GÓMEZ, *El primer convento mercedario de Madrid*, «Estudio», 152, 1986 (número monográfico), p. 101, lo transcribe parcialmente.

RIASSUNTO

I pochi anni nei quali Angelo Michele Colonna e Agostino Mitelli operarono alla corte di Filippo IV di Spagna segnano un capitolo fondamentale non solo per la biografia dei due pittori bolognesi, ma anche per lo sviluppo dell'arte spagnola dell'ultimo Seicento. Questo singolare episodio viene riconsiderato con l'aiuto della bibliografia e delle fonti spagnole e italiane, tra le quali spiccano il manoscritto *Vita del Mitelli*, conservato all'Archiginnasio, e alcuni importanti documenti d'archivio come il testamento originale d'Agostino Mitelli (morto a Madrid nel 1660) conservato nell'Archivio Storico Notarile di Madrid, e alcuni pagamenti per i lavori nel palazzo del *Buen Retiro*, rinvenuti nell'Archivio Generale di Simancas. Si presta particolare attenzione sia alle scarse testimonianze, soprattutto disegni, che rimangono delle loro opere a Madrid, purtroppo oggi tutte scomparse – si pensi alla decorazione di vari ambienti dell'*Alcazar* e alla cupola della chiesa de *la Merced*, nella quale lo stesso Mitelli ebbe sepoltura – sia ai rapporti che i due artisti intrattengono con i vari personaggi della corte spagnola, in una riconsiderazione complessiva dell'indubbio influsso che la loro pittura esercitò in ambito iberico nelle ultime decadi del secolo XVII, come è comprovato ad esempio dal ciclo decorativo della chiesa de *la Mantería* a Saragozza, compiuto da Claudio Coello e Sebastián Muñoz nel 1688.

ISABEL MAYER GODINHO MENDONÇA

Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena na correspondência do Arquivo Malvasia (1745-1757)

Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, o único filho de Francesco Bibiena que seguiu a carreira artística, nasceu a 11 de Agosto de 1717 em Bolonha, vindo a falecer em Lisboa a 20 de Novembro de 1760. Aluno e professor da Academia Clementina em Bolonha, membro da Academia de Desenho de Florença, Giovanni Carlo exerceu a sua actividade em Itália essencialmente como arquitecto, cenógrafo e quadraturista, as mesmas áreas em que os membros da família Bibiena tinham adquirido merecida fama.¹

Entre os mecenas para quem trabalhou em Bolonha, destaca-se a figura de Cesare Alberto Malvasia (1713-1767), nomeado senador em 1756 e *gonfaloniere* em 1758,² para cujo palácio na Strada Maggiore lhe encomendou a bela escadaria helicoidal que ainda

¹ O presente artigo insere-se na investigação que temos vindo a desenvolver em Itália, com uma bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal, sobre o tema *Artisti bolognesi em Portugal e a sua influência na arte portuguesa do segunda metade do século XVIII*.

² Sobre a figura de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena veja-se a entrada de Deanna Lenzi no catálogo *I Bibiena una famiglia europea*, Venezia, Marsilio, 2000, p. 31-32, que sintetiza as informações conhecidas sobre a vida e a obra deste artista.

³ A família tinha sido afastada desse cargo honorífico em 1697, após o assassinato de Cesare Malvasia pelo filho Antonio Galeazzo. A este ramo da família Malvasia pertencia o conde Carlo Cesare Malvasia, o conhecido autor da *Felsina Pittrice* (1686), obra que está na origem da divulgação e do reconhecimento da escola de pintura bolonesa.

hoje existe, iniciada pouco depois do seu casamento com Ginevra Gozzadini, em Janeiro de 1745.³

Homem ilustrado, «nobile dilettante appartenente all' internazionale del buon gusto», o conde Malvasia possuía uma vastíssima biblioteca, onde figuravam algumas das mais importantes obras impressas da época.⁴ Foi autor (sob o pseudónimo de Simplicio Pepi) de um opúsculo sobre hidráulica, intitulado *Del modo di regolare le acque del Bolognese, Ferrarese e Ravennano*, onde propôs a criação de um canal do Reno ao Adriático, passando por Minerbio, Castelguelfo, Faenza, Forlì e Cesena. De sua autoria é também um tratado de arquitectura que permanece manuscrito, *Degli Ordini dell'Architettura*, onde reuniu reflexões sobre as propostas dos mestres tratadistas do passado. O seu interesse pela arte levou Francesco Algarotti, o erudito veneziano regressado em 1757 a Bolonha (onde estudara, no Istituto delle Scienze, de 1726 a 1732), a dedicar-lhe o seu *Saggio sopra l'Architettura*, comparando-o a Lord Burlington e a Frederico II e colocando sob a sua protecção a renovação da nobre arte da Arquitectura.⁵

A investigação que temos vindo a realizar em Itália sobre a actividade de Giovanni Carlo Scinio Galli Bibiena conduziu-nos ao arquivo da família Malvasia,⁶ onde encontramos sugestivas informações sobre o interesse do conde Cesare Alberto pela actividade do então jovem Bibiena e algumas notícias inéditas sobre a participação do artista bolonhês em obras então em curso.

³ Sobre a construção desta escada e a participação de Bibiena veja-se o nosso artigo *Precinzioni sullo scalone di Palazzo Malvasia in Strada Maggiore a Bologna*, em *Arti a confronto. Studi in onore di Anna Maria Matteucci*, a cura di D. Lenzi, Bologna, Editrice Compositori, 2004, p. 289-294.

⁴ Na sua biblioteca figuravam os 17 volumes da Enciclopédia, na edição original de 1751. Sobre a figura mecénica do conde Cesare Alberto Malvasia veja-se ANNA MARIA MATTEUCCI, *Uno sguardo ai committenti, in I decatori di formazione bolognese tra Settecento e Ottocento. Da Mauro Tesi ad Antonio Basoli* (dir. de A.M. Matteucci), Milano, Electa, 2002, p. 81-83, e ainda a tese de licenciatura de OLGA VICINANZA (orientada pela professora Matteucci), *Palazzo Malvasia in Bologna*, Bologna, Università degli Studi di Bologna, Facoltà di Magistero, 1984/1985.

⁵ FRANCESCO ALGAROTTI, *Saggio sopra l'architettura*, in Venezia, nella stamperia Graziosi a S. Apollinare, 1794, p. 5. A carta dedicatória é datada de 24 de Dezembro de 1756.

⁶ Archivio Malvasia (AM). Este arquivo privado, preservado em Passo Segni, Baricella, foi inventariado a pedido da família Malvasia pelas arquivistas Francesca Boris, Anna Maria del Lauro e Carla Frongia. Agradeço à condessa Maria Grazia Malvasia e a suas filhas, Isabella e Riccarda, as facilidades concedidas para a sua consulta. O interesse deste arquivo foi-nos apor-

Da documentação consultada transcrevemos em anexo cinco cartas autógrafas de Giovanni Carlo ao conde Malvasia⁶. Três foram escritas de Bolonha para Roma, onde então se encontrava o conde, a 25 de Abril, a 9 de Maio e a 20 de Junho de 1750, e as duas restantes de Bolonha, a 22 de Novembro de 1752 e a 13 de Junho de 1757, a primeira revelando aspectos da sua actividade na capital portuguesa, ao serviço da corte do rei D. José I, e a segunda fornecendo um parecer técnico sobre o projecto do palácio que o conde então construía em Bolonha, na piazza San Donato. Transcrevemos ainda uma outra carta, também conservada no Arquivo Malvasia, enviada em 24 de Março de 1745 a Giovanni Carlo pelo primo Giuseppe Bibiena, que então residia em Viena, onde trabalhava para o Imperador.

Giovanni Carlo Scinio Galli Bibiena e a construção do Teatro Comunale

A documentação do arquivo Malvasia revelou-nos informações inéditas sobre a participação de Giovanni Carlo Bibiena nos projectos que antecederam a construção do Teatro Comunale de Bolonha, bem como o apoio do conde Malvasia às suas pretensões. Como é sabido, este edifício foi construído entre 1755 e 1763 a partir de um projecto de Antonio Bibiena, filho de Ferdinando e, portanto, primo de Giovanni Carlo Scinio Bibiena.⁷

O incêndio do teatro Malvezzi di San Sigismondo, a 19 de Fevereiro de 1745, reduzindo a cinzas a principal sala de espectá-

culo pela Professora Anna Maria Matteucci, a quem igualmente expressamos os nossos agradecimentos. A investigação foi realizada entre Novembro de 2002 e Março de 2003.

⁷ Sobre o Teatro Comunale vejam-se os seguintes artigos de Wanda Bergamini, a sua principal estudiosa, onde se encontra a principal bibliografia respeitante ao tema: *Antonio Galli Bibiena e la costruzione del Teatro Comunale di Bologna, em Due secoli di vita musicale. Storia del Teatro Comunale di Bologna* (dir. de Lamberto Trezzini), I, Bologna, Alfa, 1966, p. 79-99; *Nuovo Teatro Pubblico di Bologna, 1755-1763, em L'Arte del Settecento. Architettura, Scenografia, Pittura di paesaggio* (catálogo da exposição, Bolonha, 1979), Bologna, Alfa, 1980, p. 122-127; *La Fabbrica del Nuovo Teatro Pubblico di Bologna. Querelle Civica, Dibattito Architettonico, em I Galli Bibiena. Una dinastia di architetti e scenografi. Atti del Convegno, Bibbiena, 29-27 de Maio de 1995*, Bibbiena, Accademia Galli Bibiena, 1997, p. 99-116; *Nuovo Teatro Pubblico di Bologna, em I Bibiena una famiglia europea cit.*, p. 331-333. Veja-se ainda o recente contributo de GIUSEPPINA RAGGI, *G. Carlo Scinio Bibiena e il conte Cesare A. Malvasia: un progetto per il Nuovo Teatro Pubblico di Bologna, em Arti a confronto cit.*, p. 295-303.

culos de Bolonha, originou várias propostas para a construção de um teatro público. Uma das primeiras iniciativas partiu de um grupo de senhoras nobres de Bolonha — Eleonora Albergati, Isabella e Anna Pepoli, Vittoria Caprara, Catarina Orsi e Isabella Zambecari — que pretendiam empenhar no projecto para o novo teatro «cavalieri e [...] semplici cittadini di buon censo».⁸ Em Março de 1748, um grupo de senadores, nobres e cidadãos influentes, onde se incluía o conde Cesare Alberto Malvasia, pediu ao arquitecto do Senado, Carlo Francesco Dotti, que fizesse um orçamento para um teatro de grandes dimensões a construir no local do palácio do conde Gamba di Ravenna, na Strada Santo Stefano, e em terrenos de casas vizinhas.⁹ O memorial então realizado pelos promotores do projecto encontrava-se no arquivo do conde Malvasia e foi enviado a Roma em 1748.¹⁰

Apesar de nenhuma das duas propostas ter tido seguimento, continuou entre as preocupações dos bolonheses a ideia da construção de um teatro público em edifício autónomo. A 10 de Janeiro de 1750,¹¹ o «mastro di casa» da família Malvasia, Francesco Fabri, informava o conde Cesare Alberto, então em Roma, das notícias que lhe tinham sido transmitidas por Giovanni Carlo Bibiena sobre uma nova proposta para a construção do teatro, que repetia o mesmo esquema financeiro já adiantado pelo conde Malvasia:

Il Signor Giovan Carlo Bibiena m'impone avanzare à Vostra Eccellenza li suoi umili Rispetti, e significarle come qui viene novamente intavolato di fare il Nuovo Teatro, con forma di Lotteria di Mille Persone, che sborsino lire cento per cada una in più volte, come pare a noi fosse uno dei progetti formati da Vostra Eccellenza [...].

⁸ Archivio di Stato di Bologna (ASBo), *Impianto del Gran Teatro della Comune, 1756*. Cf. WANDA BERGAMINI, *La Fabbrica del Nuovo Teatro Pubblico* cit., p. 99, 113, 114.

⁹ ASBo, *Progetto per facilitare la Construzione di un Teatro in Bologna benchè senza denaro e senza luogo dove costruirlo*. Cf. W. BERGAMINI, *La Fabbrica del Nuovo Teatro Pubblico* cit., p. 100, 114.

¹⁰ Em 1748, entre as despesas correntes da casa Malvasia, encontra-se um pagamento a Francesco Antonio Canuti per copie tre degli Capitoli che si propongono alla Nobiltà, e Cittadinanza di Bologna per la Edificazione di detto Teatro mandata huna a Roma — AM, *Filze di Casa 1748*, fl. 132. Canuti recebeu no total 9 liras e 5 soldos.

¹¹ AM, *Carteggio Malvasia*, Cx. 1467, n. 32. Carta de Francesco Fabri ao conde Malvasia, de 10 de Janeiro de 1750. A carta é escrita no dia a seguir à primeira reunião do grupo de senadores e aristocratas promotores do novo projecto para o teatro público. Segundo informa W. BERGAMINI, *La Fabbrica del Nuovo Teatro Pubblico* cit., p. 114, nota 3, reuniram-se na casa Orsi, de 9 de Janeiro a 6 de Abril de 1750, e na casa Fantuzzi, de 17 de Abril a 18 de Maio de 1750.

Fabri refere-se a Giovanni Carlo Bibiena como «protegido» do conde Malvasia: «il Signor Bibiena non hà voluto mancare di avvisarla per di lei regola, come anche per essere sempre assistito dalla di lei particular Protezione, come unico suo Protettore».

Como proponentes do novo projecto apontava os nomes dos senadores Grassi e Ratta, dos condes Orsi, Carandini e Marco Antonio Ercolani e do abade Davia. Também a primeira localização proposta para o novo teatro era a mesma que sugeria anteriormente o conde Malvasia: «sono state prese delle Misure della Casa del Signor Luccio Malvezzi ond'è la Stamperia della Volpe, già da Lei anch'amirata» — alvitrando-se igualmente outro local na Strada Santo Stefano, mas sem se precisar o ponto exacto. É ainda nesta altura que surge a ideia da aquisição do «Guasto Bentivoglio» para a construção do teatro, posta de parte pela recusa do marquês.¹²

A 15 de Abril,¹³ Fabri avisava o conde Malvasia — repetindo uma vez mais a informação fornecida por Bibiena — da intervenção do legado papal na

Compagnia dei Cavalieri che trattano di costruire il Teatro, in parte volendo come Principe entrarvi per cagione della Lotteria, et in parte come Protettore, spandosi che per questo motivo nell'ordinario presente scrive à Sua Santità per conseguire la permissione di tal Lotteria.

A entrada do cardeal legado terá levado alguns dos membros do grupo dos nobres bolonheses a retirarem-se da organização.

O nome de Giovanni Paolo Dotti é então sugerido por alguns dos promotores como arquitecto do novo teatro. Giovanni Paolo era um dos filhos de Carlo Francesco Dotti, o arquitecto do Senado, a quem fora pedida, em 1748, a estimativa de custos para o teatro a construir na strada Santo Stefano.

Mas a par de Dotti, como candidato ao projecto, perfila-se a figura de Giovanni Carlo Bibiena, apoiado desde o início pelo seu mecenaz. De Roma, onde permanecerá durante o ano de 1750 e

¹² Como era referido a Cesare Alberto Malvasia, a 25 de Fevereiro de 1750, pelo seu pai, em carta que lhe dirigiu para Roma: «Il marchese Bentivogli à ricusato di vendere il Guasto per la Construzione del nuovo Teatro» — AM, *Carteggio Malvasia*, Cx. 1467, n. 32. Neste local surgiria mais tarde o edifício projectado por António Bibiena.

¹³ *Ibidem*, carta de Francesco Fabri ao conde Malvasia, de 15 de Abril de 1750.

parte de 1751, o conde Malvasia manobra de forma a conseguir a atribuição do projecto ao seu protegido. A 22 de Abril,¹⁴ uma nova carta de Fabri refere pela primeira vez a rivalidade latente entre os dois competidores. Pelo teor da carta concluímos que, em resposta a uma sugestão de Malvasia, Bibiena pedira a Fabri que avisasse o conde de que não sabia como «fare un passo in suo Favore, perche pareria, che volesse levare di mezzo il Dotti, che probabilmente avrà inoltrato il suo Dissegno».

A 25 de Abril,¹⁵ Fabri remete ao conde Malvasia uma curiosa carta de Bibiena, «trascritta di tutto punto da una minuta fattali dal Signor Conte Carandini» (um dos promotores do teatro), transmitindo ainda o pedido do arquitecto para que Malvasia interviesse junto do secretário pontifício (e futuro legado) Scarselli:

Detto Signor Bibiena soggiunge ancora se stimasse bene Vostra Eccellenza per gratiarlo di categhizare il Signor Segretario Scarselli per vedere se si potesse guadagnare, credendosi sia in favore di uno delli Fratelli Dotti; rimettendosi però alla savia di Lei prudenza.

Na carta remetida por Fabri (Doc. 2),¹⁶ Bibiena mostra-se mais seguro, referindo que as circunstâncias parecem propícias à construção do teatro e que, com a ajuda do conde, espera conseguir os seus objectivos. Informa que o conde Carandini está do seu lado, tendo já afirmado que «il Teatro debba farsi sull'idea e direzione di Gioan Carlo Galli Bibiena ne altrimenti, ne in altro modo». Carandini teria levantado várias objecções ao projecto de Dotti, pretendendo expô-las ao legado papal, o cardeal Valenti e, através deste, ao próprio papa Bento XIV.

O conde Carandini tencionaria alegar que o projecto de Dotti não fora feito por ele, mas sim por Cívoli, e não agradara em Veneza. E como se tal não bastasse, teria afirmado

che il Dotti [...] non sa pure tirare una linea; che non sarebbe ne anche buono per la direzione di una idea che non è sua; che la sua persona è in totale discredito presso il Paese tutto per mille titoli neppure decente ad esprimersi tal che ne anche i meriti del Vecchio Padre sono stati sufficienti a fargli conseguire la ricercata coadiutoria di Architetto del Publico stimandolo più Architetto di Ciarle e di raggi che di operazione e di pratica.

¹⁴ *Ibidem*, carta de Francesco Fabri ao conde Malvasia, de 22 de Abril de 1750.

¹⁵ *Ibidem*, carta de Francesco Fabri ao conde Malvasia, de 25 de Abril de 1750.

¹⁶ *Ibidem*, carta de Giovanni Carlo Bibiena ao conde Malvasia, de 25 de Abril de 1750.

Finalmente – conclui Bibiena, sempre salientando que cita as opiniões de Carandini – só ele próprio, Giovanni Carlo, reuniria todas as condições necessárias à realização do projecto para o teatro público:

Dall'altro canto (soggiunge il Signor Conte Carandini) che potrebbe mettersi in vista il dispiacere universale del paese che il Teatro si faccia dal Dotti, e il desiderio eguale che lo facesse il detto Bibiena; essere tutti di questo cognome nati a tal professione le memorie lasciate per tutta europa dagl'Antennati de viventi i loro insegnamenti e precetti trascesi, e passati anche in quello che in oggi è in Bologna, e i saggi non pochi dati da questo in altre Città della sua abilita, e di essere un degno discendente de suoi piu degni maggiori e il ritrovarsi presso di lui tutti i scritti e le memorie, e le piante di tutte le operazioni di quelli.

O apoio declarado do conde Carandini foi fundamental para a mudança de opinião de outros membros do grupo em relação à atribuição do projecto a Bibiena. A 29 de Abril,¹⁷ Fabri transmite ao conde Malvasia novas informações que lhe tinham sido fornecidas por Bibiena: os senadores recém-eleitos, o conde Muzzarelli, Antonio Lorenzo Sampieri, o conde Tedeschi e o marquês Angelelli tinham já apoiado a sua candidatura.

Mas apesar de as circunstâncias parecerem favoráveis ao desempenho de Bibiena, nada foi decidido quanto aos projectos para o teatro, mantendo-se a expectativa em relação a outras eventuais propostas. Como afirmava Bibiena numa outra carta que escreveu, a 9 de Maio, ao conde Malvasia (Doc. 3),¹⁸ depois de lhe agradecer todo o apoio que lhe vinha concedendo,

Stimarei che non fosse mal fatto, quando Vostra Eccellenza ciò apprai, l'indagare a tempo opportuno quali sieno gli Autori degli accennati disegni per poter in tal maniera sapere da chi si abbia da guardare, mentre qui da Noi si è affatto all' oscuro circa questo particolare, essendo assicurato che dai Signori Cavaglieri Aggregati non ne è stato inviato alcuno.

A 20 de Maio, uma outra carta de Fabri¹⁹ refere que o grupo pro-

¹⁷ *Ibidem*, carta de Francesco Fabri ao conde Malvasia, de 29 de Abril de 1750.

¹⁸ *Ibidem*, carta de Giovanni Carlo Bibiena ao conde Malvasia, de 9 de Maio de 1750.

¹⁹ *Ibidem*, carta de Francesco Fabri ao conde Malvasia, de 20 de Maio de 1750.

motor convidou oficialmente Bibiena a apresentar um projecto para o teatro: «Si è fatta l'Ambasciata al Signor Giovan Carlo Bibiena, quale rende umilissime Grazie à Vostra Eccellenza per la bontà con cui lo favorisce». Na mesma carta, Fabri transmitia mais notícias veiculadas por Bibiena: chegara já a resposta de Bento XIV ao pedido formulado pelos nobres bolonheses; o Papa concordava com a lotaria e autorizava a construção do teatro desde que fossem reunidos os fundos necessários. E acrescentava uma nota humorística: «[...] e poi le suggerisce di riservare un Palco agl'Anticristo, mentre crede sarà fatto in tempo di venire alla prima Recita».

A aprovação dada pelo papa ao plano financeiro do grupo promotor seguiu-se uma notificação pública em 6 de Junho de 1750,²⁰ convidando os cidadãos de Bolonha a investir no projecto, através da compra de 1000 quotas destinadas a perfazer a quantia de 10.000 zecchini romanos, viabilizando assim a construção do novo teatro público.

Depois de homologado pelo papa e aberto à participação dos cidadãos de Bolonha, dir-se-ia próxima a realização do tão desejado projecto por parte de Bibiena, que referia numa carta escrita a 20 de Junho ao conde Malvasia (Doc. 4)²¹ ter recebido todo o apoio, não só dos promotores do projecto, mas também do cardeal legado. Ao mesmo tempo, refere ao conde Malvasia ter finalmente conseguido contactar o seu primo cónego (cujo nome não refere), que em Roma obtivera da parte de Monsenhor Molinari a garantia de todo o apoio por parte da corte papal. O primo aconselhara-o, porém, a não entregar por ora os projectos para o teatro: «Quanto ai consa-puti disegni ei m'impose di non avanzare altro per ora, che succedendo l'effettuazione del Teatro egli saprebbe avvertirmi di quanto dovessi fare». Eliminava assim as suspeitas que pairavam nas suas cartas anteriores ao conde Malvasia em relação a um inimi-

²⁰ Notificação del 6 giugno 1750. Francesco Maria Triboldi Notaro, in Bologna, per Clemente Maria Sassi, Successore del Benacci, per la Stamporia Camerale, 1750 (Biblioteca Comunale dell'Archiginnasio, Bologna - BCABO - 17 Storia Artistica Caps. G, n.º 9). Assinavam a notificação Teodoro de Buoi, Luigi Muzzarelli, Antonio Lorenzo Sampieri, Petronio Francesco Rampionesi, Lodovico Ratta Garganelli, Giovanni Fantuzzi, Francesco Angelelli, Petronio Landi, Carlo Grassi, Camillo Orsi, Giovanni Paolo Tedeschi e Carlo Rubini.

²¹ AM, *Carteggio Malvasia*, Cx. 1467, n.º 32, carta de Giovanni Carlo Bibiena ao conde Malvasia, de 20 de Junho de 1750.

go que manobrava por trás, e que o conde Malvasia associara ao referido primo cónego.

Na mesma carta, Bibiena informava ainda o conde Malvasia de que acabara de receber a notícia de que estavam para chegar a Bolonha dois primos, filhos de Giuseppe, mas que o pai estava de tal forma empenhado ao serviço do rei da Polónia que não se esperava que por ora pudesse transferir-se para Itália. E termina com um desabafo – «Ecco tolto di mezzo un'altro ostacolo» –, que nos faz pensar se não seria ele um dos temidos e desconhecidos candidatos ao projecto para o teatro público.

Alguns anos antes, em 1745, os nomes de Giuseppe e Giovanni Carlo tinham aparecido associados num projecto para um teatro não identificado. Numa carta guardada no arquivo Malvasia (Doc. 1),²² embora endereçada a Giovanni Carlo, Giuseppe envia-lhe um parecer sobre aspectos técnicos do teatro em que este último estava empenhado e para o qual esperava o apoio do primo. A carta foi escrita a 24 de Março, em Viena, e respondia a uma outra de Giovanni Carlo enviada de Bolonha a 24 de Fevereiro, uma semana após o incêndio do teatro Malvezzi, que tinha despoletado os acontecimentos que temos vindo a descrever. Tratar-se-ia já de um teatro para substituir o que acabara de arder? Pode ser uma simples coincidência, mas não deixa de ser curioso que os aspectos técnicos referidos tenham a ver com os materiais a utilizar nos balcões e na plateia, cujos pavimentos – insiste Giuseppe – deveriam ser de pedra e não de madeira, a fim de se evitarem os incêndios:

Ecco quanto le posso dire circa ciò, che lei mi propone nella di lei inviata, mà si ricordi bene che la mia intenzione si è che tutti li palchi siano di legno, mà li pavimenti di essi, e della Platea ancora sia di pietra, perchè se le dame, o altre signore vogliono portare li loro scaldini, li possino tenere senza pericolo di fuoco. Se a lei occorreranno altri dubbii, mà scriva, che non mancherò di darle il mio parere.

O tempo encarregou-se de dar razão às suspeitas de Giovanni Carlo. Um outro primo seu, Antonio Bibiena, irmã de Giuseppe, manobrava na sombra, tendo-se candidatado a partir de Viena à realização do projecto que viria a ser escolhido. Tal como o conde

²² *Ibidem*, Cx. 1464, n.º 29.

Carandini na carta em que iniciara o descrédito da candidatura de Giovan Paolo Dotti ao projecto para o teatro, também António apresentava como créditos preferenciais os seus ilustres antepassados na área da arquitectura teatral, mas mostrava um currículo muito mais aliciente para os promotores do novo Teatro Comunale:

Incoraggio da quell' innata Benignità con la quale l' E. V. si è sempre gratiosamente compiaciuta di aver a petto li vantaggi de' miei predecessori, ardisco incomodarla con la presente notificandole che si come da questa Augustissima Imperial Corte presso la quale già per 30 anni godò la gloria d'essere in actual servizio [...].²⁴

Esta carta foi escrita a 18 de Novembro de 1750 ou 1751.²⁴ António regressaria a Bolonha na segunda metade de 1751, depois de lhe ter sido proposta a construção do novo Teatro Público de Bolonha.²⁵ Desenganado, Giovanni Carlo Bibiena partiria logo em Fevereiro do ano seguinte para Lisboa – onde, como veremos, era ansiosamente aguardado para dar início à construção dos novos teatros régios portugueses.

Giovanni Carlo Bibiena e as obras em Cesena

A 20 de Junho de 1750 Giovanni Carlo Bibiena informava o conde Malvasia (Doc. 4)²⁶ de que o seu colega na Academia Clementina, Giuseppe Antonio Landi, ia partir no mês seguinte para Portugal, contratado como membro de uma expedição de «Matematici ed altri Professori in altro genere» destinada ao Brasil,²⁷ e tencionava deixar-lhe as obras que então dirigia em

²⁴ A carta é transcrita por ALBANO SOBIBELLI, *Antonio Bibiena e il Progetto del Teatro Comunale*, - La Strenna delle Colonie Scolastiche Estive Bolognesi, XLIII, 1940, p. 137-147, p. 143.

²⁵ Na carta apenas aparece o dia e o mês; o ano desapareceu durante um restauro, como é referido por Sobibelli.

²⁶ Cf. D. LENZI, na entrada referente a Antonio Galli Bibiena, *I Bibiena una famiglia europea* cit., p. 31.

²⁷ AM, *Carteggio Malvasia*, Cx. 1467, n.º 32, carta de Giovanni Carlo Bibiena ao conde Malvasia, de 20 de Junho de 1750.

²⁸ Depois de quase três anos em Lisboa, Landi partiria para o norte do Brasil a 2 de Junho de 1753, integrando, como desenhador, a comissão de demarcação de fronteiras, incumbida de traçar os limites entre os territórios portugueses e espanhóis na Amazônia. Permaneceria no Brasil até morrer, em 1791, desenvolvendo uma actividade constante como arquitecto, quadraturista, decorador e urbanista. Sobre a sua actividade vejam-se os textos do catálogo da exposi-

Cesena, nomeadamente a remodelação das igrejas dos conventos dos Agostinhos e dos Franciscanos.²⁸ Era, contudo, necessário obter a autorização das superiores das duas ordens em Roma e por isso pedia ao conde Malvasia que intervesse a seu favor:

e però pensa il medesimo di licenziarmi le sue operazioni, e in spezie quelle delle due Chiese di Cesena a Vostra Eccellenza ben note, una appartenente agli Agostiniani, e l'altra ai Franciscani; staremo a vedere come l'intendono i Padroni, e forse di cio se ne discorerà costi in Roma, e sperare nel volevole patrocinio di Vostra Eccellenza quando si presentasse l'occasione.

Curiosamente, três anos antes, quando Landi recebera o encargo de projectar as novas igrejas dos dois conventos de Cesena, Bibiena estivera igualmente envolvido, tentando competir com o seu colega da Academia Clementina. Nessa altura o conde Malvasia apoiara a intervenção do seu protegido por intermédio do seu primo Sigismondo Malvasia, que de Cesena lhe escreveu duas cartas, datadas de 22 de Junho e 2 de Julho de 1747, dando conta da situação. Estas cartas, que também fazem parte do Arquivo Malvasia, contêm interessantes informações inéditas sobre o envolvimento dos dois artistas nestas duas obras.

Na primeira carta,²⁹ Sigismondo refere ter visto o projecto que Landi mandara para a ordem dos Agostinhos. O mesmo fora já aprovado pelo padre Gioia, o superior da congregação em Roma, apesar do excesso de ornatos que comportava: «In detto disegno però rilevò il Padre Generale esserci molti ornamenti, non però costui ma di grave spesa che si possono risparmiare».

Ao inquirir sobre a existência de outras propostas, foi surpreendido com a informação de que Giovanni Carlo Bibiena se oferecera para mandar um projecto sem qualquer encargo inicial para a

ção (Porto, Lisboa, Bolonha e Belém do Pará) *Amazônia Felizina / António José Landi – Itinerário artístico e científico de um arquitecto bolonhês na Amazônia do Séc. século XVIII* (dir. de I. Mayer Godinho Mendonça e Mauro Bondi), Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1999; e ainda I. MAYER GODINHO MENDONÇA, *António José Landi (1713-1791) – Um artista entre dois continentes*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

²⁸ Sobre a intervenção de Landi nas duas igrejas de Cesena veja-se I. MAYER GODINHO MENDONÇA, *António José Landi (1713-1791) – Um artista entre dois continentes* cit.

²⁹ AM, *Carteggio Malvasia*, Cx. 1465, n.º 30, carta de Sigismondo Malvasia ao conde Malvasia, de 22 de Junho de 1747.

ordem, que lhe pagaria apenas quando a obra fosse realizada: «Il Sig. Bibiena si era esibito mandarne uno senza spesa loro. Solo però quando se ne fossero serviti li pagassero quello conveniva».

Sigismondo Malvasia pediu-lhes então que aguardassem o projecto de Bibiena, ao que os seus interlocutores responderam que o mostrariam de bom grado ao superior da ordem quando este passasse por Cesena a caminho do convento de Rimini.

O projecto de Bibiena nunca chegou e a ordem acabou por assinar, a 27 de Setembro desse mesmo ano, um contrato para a construção da nova igreja com Landi e com o mestre de obras bolonhês Gaetano Cavagna.²⁰

A 2 de Julho de 1747²¹ Sigismondo escrevia de novo a Cesara Alberto Malvasia, que queria saber qual o andamento do anúncio do projecto para a nova igreja dos franciscanos. O novo padre guardião do convento informara-o de que estava prevista uma reconstrução «al più moderno [...] possibile», tendo o padre inquisidor encomendado a obra da nova igreja a um mestre-de-obras de Faenza, Rafael de seu nome. As obras previstas no projecto consistiam em «restringer la chiesa con Piloni, voltarla ed Riatare il Coro, tirando abasso il Presbiterio del Coro medesimo», refazendo a torre sineira em lugar diferente e dando-lhe maior dignidade: «si entende che detto Campanile in ultimo sara trasportato da un'altra parte per il piacere di fare un signorile e nobile campanile». O orçamento do mestre-de-obras era de 2000 escudos, embora os padres achassem que o custo seria muito superior. As obras ainda não tinham começado, por dificuldades financeiras, tendo-se «cominciato solo a dar fuoco alle fornace per la prima cotta di pietra che deve poi anche fornire per li bisogni del Convento».

Quanto ao projecto de Landi, o padre guardião assegurava que ainda não tinha sido apresentado, embora já estivesse concluído e fosse idêntico ao projecto do mestre de obras: «Si sà bene che detto disegno coincide ad un dipresso col disegno del Rafaele». A encomenda a Landi tinha sido feita pelo antigo padre guardião Bartochi, a pedido do ex-provincial Bertolazzi, que era primo do arquitecto.

²⁰ Archivio Storico di Cesena (ASC), *Corporazioni Religiose, Sant'Agostino di Cesena*, Livro 764, Protocollo degli Istrumenti dell'anno 1718 all'anno 1757, fs. 271v-274.

²¹ AM, *Coraggio Malvasia*, Cx. 1465, n.º 30, carta de Sigismondo Malvasia ao conde Malvasia, de 2 de Julho de 1747.

Sigismondo Malvasia transmitia ainda uma informação que o conde Malvasia certamente conhecia: o padre guardião estivera em Bolonha para discutir um projecto feito por Bibiena para a igreja dos franciscanos. Bibiena, porém, não comparecera nem enviara o seu projecto, alegando o seu representante que só o mostraria depois de ter a certeza da concretização da obra:

Il suddetto Padre dice che uno a nome del Signor Bibiena [...] venne un giorno in Bologna para discorrere sopra il disegno di detta chiesa da lui fatto ma non l'esibi. [...] dal Padre suddetto Guardiano moderno le fu spiegata la mente del padre Inquisitore; al che replicò il detto Signore, che era venuto a nome del Bibiena che quando non avessero voluto costruire nuova chiesa, non averrebbe pensato ad esibirlo.

O interlocutor de Sigismondo Malvasia não tinha aparentemente em grande conta nem o projecto, nem a pessoa de Landi, e insistiu na apresentação do projecto de Bibiena: «Il Padre Guardiano mi ha assicurato che quando venisse detto disegno e fosse approvato dal padre Inquisitore esso volentieri darà tutta la mano per servire alle mie premure».

Finalmente, o padre guardião informava Sigismondo de que o padre inquisidor esperava poder dar início à obra no ano seguinte, quando voltasse a Cesena. Nessa altura terá sido escolhido o projecto de Landi, que no dia 30 de Janeiro de 1750 assinava um recibo de 15 escudos e 40 soldos «per le sue fatiche»; a 1 de Dezembro de 1749, o mestre de obras bolonhês Giovanni Francesco Tamozzi²² já recebera, em nome de Landi, o montante de 18 escudos e 45 baiocchi, das mãos do padre guardião Michini.²³

Após a partida de Landi para Portugal, em Julho de 1750, as duas igrejas, de raiz medieval, foram demolidas, seguindo-se as obras de reconstrução sob a direcção do mesmo mestre: Giuliano Cuppioli, de Rimini. Em Janeiro de 1752 foi iniciada a obra da

²² A presença de Giovanni Francesco Tamozzi em S. Francisco de Cesena, provavelmente como colaborador de Landi, constitui o primeiro testemunho da sua actividade em Itália. Em Portugal ficou conhecido pela direcção das obras do Seminário Maior de Coimbra, onde viria a morrer ao cair de um andaime em 1755. Substituiu-o no ano seguinte o seu conterrâneo Giacomo Azzolini, chegado a Portugal em 1752 com Giovanni Carlo Scinio Bibiena, como membro do grupo contratado para a construção dos teatros da Ópera do Tejo e de Salvaterra.

²³ ASC, *Conventi Soppressi, Corporazioni Religiose, San Francesco di Cesena*, b. 687, Escrute, 1707/1800.

igreja dos franciscanos, em Agosto a igreja dos agostinhos.²⁴ Entretanto, em Fevereiro, Bibiena partira para Lisboa.

Bibiena e os teatros régios da corte portuguesa

A contratação de Giovanni Carlo Bibiena como arquitecto teatral da corte portuguesa ficou a dever-se à mudança de monarca em Lisboa. Até 1750 reinara por mais de quatro décadas D. João V, o «Magnânimo» – que no entanto nos últimos anos parecia empenhado em desmentir o seu cognome, desde que, acometido de um ataque que o deixou hemiplégico em 1742, passou a consagrar-se com terror supersticioso às obras pias, chegando a proibir totalmente a música profana.

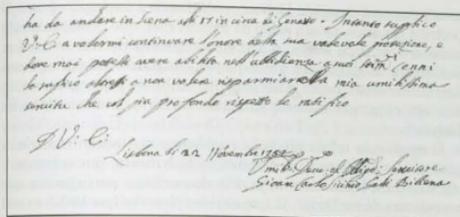
Como referia o músico Gaetano Schiassi em carta enviada de Lisboa em Maio de 1747²⁵ ao seu mestre, o padre Martini, em Bolonha,

costi sta proibito tutti i divertimenti a causa della malattia del Rè che dal primo giorno che gli diede un accidente proibì le feste teatrali e danze e vuole che la gente sia santa per forza. Le feste delle chiese è Oratorii non sono proibiti.

Com a morte do rei no Verão de 1750 e a subida ao trono do filho, D. José I, casado com uma filha de Isabel Farnese (a impetuosa rainha Mariana Vitória, manifestamente ansiosa por se libertar do ambiente opressivo da corte do sogro), tudo mudou em Portugal no que dizia respeito às artes e aos espectáculos.

²⁴ *Ibidem*, *Istromenti; Corporazioni Religiose, Sant'Agostino di Cesena*, Giornale di Uscita dal 1750 al 1760, il. 33v. O contrato foi assinado com a ordem dos agostinhos a 27 de Junho de 1752 – *Ibidem*, *Protocollo degli Istromenti dall'anno 1718 all'anno 1757*, fs. 380v-385. A igreja dos Agostinhos seria acabada apenas em 1777, seguindo-se na direcção da obra Pietro Carlo Borboni e Nicola Faggioli. A igreja dos franciscanos foi demolida entre 1842 e 1844, dela restando apenas a parede arruinada da ábside, a nascente da Praça Bufalini. Sobre a história destas duas igrejas veja-se MARIA CRISTINA GORI, *L'architettura religiosa in età moderna – Secc. XVII XIX*, em *Storia della Chiesa di Cesena* (dir. de M. Mengozzi), vol. II, Cesena, Fondazione Cassa di Risparmio di Cesena – Stilgraf Ed., 1998.

²⁵ Cívico Museo Bibliografico Musicale, Bologna, Epistolario Martiniano (L.4.23). A curta permanência de 15 meses em Portugal, por volta de 1744, de Domenico Francia, pintor de cenografias e quadraturista de renome, natural de Bolonha e aluno de Ferdinando Bibiena (BCABO, Ms. B.132, fs. 169, 170), bem como a total ausência de referências à sua passagem por Lisboa nas fontes portuguesas, poderá explicar-se pelo ambiente que então se vivia na corte.



Autógrafo de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena na primeira carta, de 22 de Novembro de 1752, enviada de Lisboa ao conde Cesare Alberto Malvasia (Arquivo Malvasia, *Carteggio Malvasia* – Cx. 1468, n.º 33).

Um dos primeiros reflexos da mudança foi a decisão de criar uma ópera régia, a exemplo do que há muito se fazia nas principais cortes europeias. Para o efeito, dificilmente se encontraria um arquitecto teatral e cenógrafo com melhores credenciais do que um filho e sobrinho de Francesco e Ferdinando Bibiena, que tinham trabalhado assiduamente para as casas reinantes com as quais a família real portuguesa tinha laços familiares próximos: os Bourbons, os Habsburgos e os Farnese.

A actividade inicial de Giovanni Carlo Bibiena como arquitecto teatral e cenógrafo dos teatros de corte em Portugal está documentada por uma outra carta por ele enviada ao conde Malvasia a 22 de Novembro de 1752 (Doc. 5).²⁶ Nela Bibiena informava o seu patrono de que a sua chegada fora ansiosamente aguardada em Lisboa. Mal desembarcou foi-lhe ordenado que fizesse a planta para o grande teatro da cidade (conhecido como Ópera do Tejo, pela sua localização junto ao rio, ligado ao palácio real da Ribeira), que realizou tendo em vista o régio mecenaz a que se destinava: «il primo ordine datomi in fretta in fretta e appena sbarcato fu di fare il disegno del Teatro grande e stabile; lo feci con un' Idea che si addattasse per un Principe e non comune e venale».

Menciona a seguir duas outras obras que também lhe foram

²⁶ AM, *Carteggio Malvasia*, Cx. 1468, n.º 33.

cometidas mal chegou a Lisboa: a adaptação a teatro, com os respectivos cenários, de um salão do palácio real, que ficou conhecido como o Teatro do Forte, e a criação *ex novo* de um teatro em Salvaterra de Magos, integrado no palácio que os reis portugueses fizeram construir nesta localidade ribeirinha do Tejo, numa região rica em caça que Bibiena situa, na carta, a trinta milhas de Lisboa.³⁷

O arquiteto refere ainda os problemas que encontrou com a pintura dos cenários para o teatro de Salvaterra, que estavam a ser feitos em Lisboa, e a imperícia dos artistas portugueses que necessitara de contratar, já que os doze pintores que tinha ao seu serviço produziam em conjunto aquilo que um italiano experiente conseguia realizar num só dia de trabalho:

Il Scenario si dipinge in Città e mi è stato necessario metere al lavoro una dozzena di Pittori del Paese li quali a suo tempo spero che faranno, ma per hora conviene contentarsi se arivano a fare in un giorno il lavoro che farebbe uno solo de' nostri.

E, no entanto, Bibiena podia contar com alguns «de' suoi». Vindos com ele ou chegados a Lisboa pouco depois, reuniu-se na capital portuguesa um grupo de jovens artistas italianos, na maioria bolonheses e alguns deles alunos da Academia Clementina, igualmente contratados pela corte portuguesa como pintores de cenários nos novos teatros régios: Gian Giacomo Azzolini, Paolo Dardani, Marco Riverditi, Filippo Maccari e Francesco Cignani.³⁸ Instalaram-se todos perto da igreja da comunidade italiana em Lisboa, paredes meias com outros compatriotas que também viviam do teatro e da música, entre os quais avulta um maquinista de cena com o nome indistintamente bolonhês de Petronio Mazzoni. Do grupo de Bibiena, só este e Azzolini permaneceriam em Portugal para lá do megassismo que em 1 de Novembro de 1755 destruiu Lisboa — e, com ela, o magnífico e efémero teatro da

³⁷ Giovanni Carlo devia conhecer bem a distância, pois na carta a Malvasia confessa-se estenuado pelas constantes idas e vindas entre a capital portuguesa e o palácio de campo, dirigindo simultaneamente as obras dos dois teatros e os respectivos cenários: «io vi attendendo un pezzo in Lisbona alle scene, e un pezzo fuori alla fabbrica».

³⁸ Sobre a actividade de Bibiena e deste grupo de artistas em Portugal, nos anos que antecederam o terramoto de 1 de Novembro de 1755, veja-se o nosso artigo *Os teatros régios portugueses em vésperas do terramoto de 1755*, publicado no n.º 157, de Julho de 2003, da revista cultural portuguesa «Brotéria».

Ópera do Tejo que todos tinham contribuído para inaugurar sete meses antes.

Esta carta de Bibiena revela, em primeiro lugar, o renascimento entusiasmo da corte portuguesa pelas representações operáticas, que levou à encomenda de um teatrinho improvisado numa das salas do torreão do palácio da Ribeira, para servir enquanto não se terminasse o grande edifício da Ópera do Tejo. Em segundo lugar, confirma o papel desempenhado logo desde a sua chegada a Portugal por Giovanni Carlo Bibiena, que desenhara os dois teatros que estavam a ser construídos ao mesmo tempo em locais distantes (Lisboa e Salvaterra de Magos), dirigindo ambas as obras e acompanhando simultaneamente a pintura dos cenários para o teatro de Salvaterra. Em terceiro lugar, ajuda a compreender o ambiente em que se desenrolava este surto de construção teatral, revelando as deficiências dos pintores portugueses, certamente pela falta de formação na área específica da pintura de cenários — o que aparentemente não acontecia nos domínios da construção nem da decoração dos teatros, que estiveram sempre a cargo de portugueses, sem reparos do responsável da obra.

Finalmente, na carta a Malvasia, Bibiena mostra saber que o conde Cesare Alberto fora já informado em Bolonha, por outra via (que infelizmente não específica), do andamento dos seus projectos em Portugal — o que confirma, uma vez mais, o interesse do senador pela carreira do arquitecto.

Giovanni Carlo morreria subitamente em Lisboa, oito anos mais tarde, sem nunca ter reencontrado o seu mecenas dos tempos de Bolonha. Mas os dois homens nunca perderam o contacto: em 1757, quando Bibiena já vivia na Ajuda, perto do novo palácio real em madeira que desenhara após o terramoto,³⁹ recebeu de um emissário do conde Malvasia, juntamente com a planta e os desenhos das fachadas, um pedido de parecer sobre o novo palácio cuja construção então se iniciava entre a via San Donato (actual via

³⁹ O sismo de 1755 e o gigantesco incêndio que se seguiu destruíram totalmente o antigo palácio real à beira Tejo. Atenuados com a possibilidade de uma repetição da catástrofe, os soberanos portugueses optaram por se instalar na colina da Ajuda, sobranceira à praia fluvial de Belém, a cerca de uma légua do centro de Lisboa, onde fizeram construir, com desenho de Bibiena, um palácio em madeira comumente designado por «real barraca». A atracção da corte contribuiu para o desenvolvimento da Ajuda, que é hoje um bairro da capital portuguesa — onde se situa, por sinal, o único edifício lisboeta desenhado por Bibiena que resistiu à passagem do tempo: a igreja da Memória.

Zamboni) e a piazza San Donato, com risco atribuído por Oretti a Francesco Tadolini. Isto diz muito sobre o que pensava o «nobile dilettante» do filho de Francesco Bibiena.

O parecer de Bibiena sobre o projecto para o palácio Malvasia di San Donato

A concretização do projecto do novo palácio Malvasia, que reunia dois edifícios comprados em 1745⁴⁰ pelo conde Cesare Alberto – o palácio Manzoli e o Collegio Pannolini –, esteve directamente associada ao regresso da família à função senatorial, ocorrido em 1756.⁴¹ No ano seguinte iniciavam-se as obras que, em 1767, à data da morte do senador, prosseguiam ainda. O edifício permaneceu até hoje por concluir.

O palácio, invariavelmente apontado como um exemplo precoce da recuperação de temas paladianos e quincentistas na cidade de Bolonha, era já referido em termos encomiásticos por Francesco Algarotti, na mencionada dedicatória ao conde Malvasia do seu *Saggio sopra l'Architettura*, publicada a 24 de Dezembro de 1756. Segundo o nobre veneziano, no interior do palácio «non mancherà nulla di quei ricercati agiamenti che ha saputo immaginare la morbidezza oltre montana, e dell'italiana correzione ne mostrerà lo esterno un spicchiatissimo esempio».⁴²

O nobre veneziano tinha provavelmente já conhecimento do projecto do palácio, tal como acontecia com o conde Girolamo del Pozzo⁴³ (referido como «dilettante da architettura» por Algarotti), que a 5 de Agosto de 1756 escrevia de Verona ao conde Malvasia:

Ella dimostra credermi troppo nel volermi far vedere il disegno del suo Palazzo di cui sento ultimato il contratto. Volontieri lo vedrò, e per la stima, ed

⁴⁰ EUGENIO RICCONI, *Vaghezza e furore. La scultura del Settecento in Emilia*, Bologna, Zanichelli, 1977, p. 71.

⁴¹ Vide nota 2, *supra*.

⁴² F. ALGAROTTI, *Saggio sopra l'Architettura* cit., p. 8.

⁴³ Girolamo del Pozzo (1718-1800), arquitecto de Verona, foi autor da villa Trissino em Vicenza, da igreja de Castellar e da reconstrução da fachada do palazzo Pareschi-Gavassini em Ferrara; entre os seus escritos destaca-se a obra inédita *Ornamenti dell'Architettura civile secondo gli antichi*. Cf. *Dizionario Enciclopedico di Architettura e Urbanistica* (dir. de Paulo Portoghesi), vol. 4, Roma, Istituto Editoriale Romano, 1969, p. 10.

amicizia che gli professo non avrei riguardo venir anco costi quando ella credesse potessè servirla.⁴⁴

Bibiena é assim confrontado com o projecto para o novo palácio Malvasia depois de Francesco Algarotti e de Girolamo del Pozzo, quando as obras já tinham sido iniciadas. A demora no envio do projecto poderá explicar-se pela distância de Bolonha a Lisboa e pelo facto de o conde ter aproveitado uma viagem do doutor Pistorini a Madrid para enviar os desenhos e a carta em que solicitava o parecer do arquitecto então ao serviço da corte portuguesa.

Na análise que faz do projecto, em carta datada de 13 de Junho de 1757 (Doc. 6),⁴⁵ Bibiena comenta em pormenor aspectos técnicos dos desenhos das duas fachadas e da planta do novo palácio. Em primeiro lugar analisa a planta do conjunto e elogia as opções tomadas pelo arquitecto (cujo nome nunca é referido), nomeadamente na sábia utilização e conjugação dos edifícios pré-existentes com a anexa capela de S. Donato e com «le due piccole case intraposte fra il detto Palazzo, ed il consaputo Collegio». Refere de seguida, a partir do que lhe é dado observar, que «i comodi che in esso si ritrovano siano molti, i quali suppongo riuscirano perfetti con poco spesa». Aprecia ainda a colocação da escadaria principal, «vicina all'entrata, facile a presentarsi, ed alla destra dell'ingresso, cose tutte proprie, e necessarie, secondo i più rinomati Autori».

Na análise dos desenhos das fachadas comenta uma vez mais a perfeita articulação e adaptação às vãos envolventes. Refere com apreço a utilização do paramento rustico no piso térreo – «il quale non obbliga a grande sporti, e fortifica con tutta sicurezza, ingrossando solamente il necessario per metterla in piombo, con un bassamento a un tempo stesso nobile, maestoso, non meno che forte». Aprecia o elegante rasgamento dos arcos do pórtico – «perchè oltre l'essere assretti da una simile distribuzione di pilastri, e dall'altezza del piano, introduce maggior lume» –, uma solução já adoptada por Serlio e por Tibaldi, referindo ainda a inspiração

⁴⁴ AM, *Carteggio Malvasia*, Cx. 1470, n.º 35, carta de Girolamo del Pozzo ao conde Malvasia, de 5 de Agosto de 1756.

⁴⁵ *Ibidem*, carta de Giovanni Carlo Bibiena ao conde Malvasia, de 13 de Junho de 1757. A esta carta se refere, transcrevendo algumas linhas, Olga Vicinanza (*Palazzo Malvasia in Bologna* cit.).

exercida pela fachada do vizinho palácio Magnani, de Tibaldi, sobre a fachada do palácio Malvasia:

«cosa che alcuni de' nostri moderni si vergognerebbero di fare, dubitando se gli'imputasse avere copiato, male avveduti che il vero fondamento di un Architetto non è solamente lo inventare, ma ben si il sapere adattarsi a que' precetti che tanti gravi Autori ci danno per esempii.

Giovanni Carlo subscreve as alterações feitas na fachada antiga, pois além de os ornatos se encontrarem em muito mau estado, «non corrispondevano con i vani inferiori tanto nel antico che nel moderno, cosa molto necessaria per non indebolire le fabbriche». Concorda inteiramente com as dimensões das janelas do terceiro piso, com a mesma largura das janelas do piso nobre, mas menos um sexto na altura, «cosa autorizada dal Palladio, e ciò basta per essere buona», e com a integração das cornijas dessas janelas na arquitrave de remate, solução adoptada por Rafael no seu palácio de Roma.

Finalmente, refere a colocação das quatro colunas a meio da fachada principal, debaixo da varanda corrida do piso nobre, ressaltando em dois terços em relação às pilastras a que se adossam:

Aprovo molto che si ponghino le quattro colonne nel ingresso sotto la ringhiera, e che non meno di due terzi rissaltino, mentre condecora meglio il mezzo della fasciata, e fa comparire nel medesimo tempo forte, e legiero lo sbalzo della già detta ringhiera.

Depois de responder às questões que lhe foram colocadas pelo conde Malvasia, comenta outros aspectos da composição da fachada:

Questo è quanto intendo di poter dire in rapporto di quello che V. E. mi onora di manifestarmi nella di lei stimatissima; mi darò l'onore di esplicitarle alcuni miei riflessi, quali non asserisco che siano per essere necessari, ma potrebbero essere, suppongo io, di qualche incontro per le ragioni che sono per dimostrare.

Aponta então duas questões que lhe foram suscitadas pela análise dos desenhos da fachada. Em primeiro lugar, questiona a relação entre o rusticado das colunas e das pilastras às quais se adossam, trazendo à baila exemplos concretos fornecidos por tratadistas e soluções presentes em algumas obras de arquitectura conhe-

cidas, dando como exemplo Serlio, as «raccolte dell'Architetto anonimo di Vicenza, impresse in Venezia per Angelo Pasinelli dell'Anno 1741»⁴⁶ (especificando a «tavola 5, lettera C, figura 3, e a tavola 6, lettera C, figura 3»), Tibaldi, «nell'Arco maggiore del portico afronte della porta maggiore della nostra Dogana», e outros exemplos fora de Bolonha, como o «cortile» do palazzo Pitti, em Florença e a «Porta del Palazzo di Sisto V in Laterano, del Cavalier Fontana». Depois de propor a solução que encontra mais adequada, examina a proporção das janelas do andar nobre das duas fachadas e a sua relação com a projecção da balaustrada.

A carta termina com um breve comentário ao novo teatro público de Bolonha e às questões que certamente lhe tinham sido suscitadas na carta de Malvasia, relacionadas com as críticas ao projecto do teatro comunal de Antonio Bibiena, surgidas após o convite feito em Junho de 1756 à população de Bolonha, pela própria entidade comunal, para que manifestasse a sua opinião sobre uma proposta que desde o início levantara a mais acesa oposição.⁴⁷

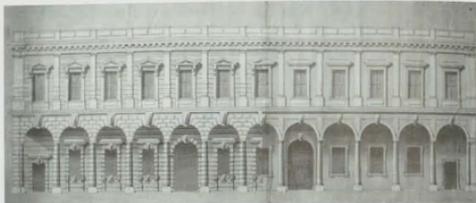
Da distante Lisboa, recordando certamente os acontecimentos em que estivera envolvido sete anos antes, em Bolonha, Giovanni Carlo junta a sua voz à dos críticos do projecto (entre os quais se contava o conde Malvasia):

Però questo che posso dire in questo particolare, si è (e Vostra Eccellenza forse non sarà lontana del parer mio) che il dovere di un'opera publica incontrare l'aggradimento di pochi, fu sempre laborioso, non che difficile, quanto più poi quello non solo di una numerosa, e per ogni riflesso rispettabile Assemblea, ma di una Città tutta, che nel buon gusto non la cede, si può dire senza ironia, alle maggiori dell'Europa?

E mais não diria, remetendo-se a um «rispettoso silenzio»...

⁴⁶ Tratava-se do arquitecto Francesco Antonio Muttoni (1669/1747), figura de grande relevo em Vicenza, divulgador e comentarista da obra de Palladio. De 1740 a 1748 foram publicadas anonimamente, sob a sigla «N. N.», os primeiros oito volumes da sua obra *Architettura di Andrea Palladio Vicentino di nuovo ristampata, e di figure in rame diligentemente intagliate, arricchita, corretta e accresciuta di moltissime fabbriche inedite; con le osservazioni dell'architetto N. N. e con la traduzione francese*, em edição do impressor veneziano Angelo Pasinelli (o último volume é póstumo). O 9.º volume foi publicado em 1760 por Giorgio Fossati, existindo ainda os desenhos preparatórios para o 10.º volume. Muttoni publicou em 1741 uma versão reduzida do volume dedicado às cinco ordens da Arquitectura, destinado a profissionais, possivelmente a obra de que Bibiena se serviu para comentar o projecto do palácio Malvasia. Cf. VALEBIA FARENATI, *Francesco Muttoni, in The Dictionary of Art* (dir. de Jane Turner), vol. 22, LONDON, Macmillan Publishers, 1986, p. 387-389.

⁴⁷ Cf. W. BERGAMINI, *La Fabbrica del Nuovo Teatro Pubblico* cit., p. 102.



ANTONIO BIBIENA, *Projecto duplo para a fachada do Teatro Público de Bolonha* (BCABO, GDS, *Raccolta Disegni Autori vari*, cart. 9, n. 1376). Apesar do apoio do conde Malvasia às pretensões de Giovanni Carlo Scinio Bibiena, o Teatro Público de Bolonha foi realizado pelo seu primo Antonio. O desenho mostra duas versões alternativas para a fachada principal, uma das quais – a mais simples, sem rusticado – acabou por ser adoptada.

RIASSUNTO

Nel presente testo vengono trascritte e commentate sei lettere ricevute o inviate da Giovanni Carlo Scinio Galli Bibiena, e conservate nell'archivio della famiglia Malvasia a Passo Segni presso Baricella (BO), le quali contengono informazioni inedite riguardanti il percorso artistico di quell'architetto ed ingegnere teatrale, nonché accademico elementino, figlio di Francesco e nipote di Ferdinando Bibiena. In tre di queste lettere, indirizzate nel 1750 da Bologna al conte Cesare Alberto Malvasia, suo protettore in città, si racconta la sorda guerra che si era verificata dietro le quinte al momento dell'assegnazione del progetto per il nuovo Teatro Comunale, nel quale Giovanni Carlo si era confrontato con un altro giovane candidato, Paolo Dotti, egli pure figlio di un noto architetto di quel tempo, Carlo Francesco. Emerge anche un'altra notizia interessante, fino ad ora sconosciuta ai più: la partecipazione dell'architetto bolognese Giuseppe Antonio Landi nella costruzione della chiesa dei Francescani a Cesena, lavoro nel quale, a dire il vero, Giovanni Carlo Scinio Galli Bibiena voleva succedere al suo collega accademico, il quale era in partenza per il Brasile al servizio del re di Portogallo. Due anni dopo, scaduta l'ipotesi del Teatro Comunale, fu proprio Bibiena a seguire lo stesso percorso verso il Portogallo, dove nel 1760 divenne architetto reale, pochi giorni prima di morire all'improvviso, all'età di soli 43 anni. A Lisbona egli non si era dimenticato del suo mecenate, come dimostrano altre due lettere: nella prima, del 1752, Giovanni Carlo descrive al Malvasia la frenesia con la quale era stato accolto in Portogallo per dare inizio alla costruzione dei teatri regi, e nella seconda, del 1757, gli invia un parere sul palazzo di via San Donato, a Bologna, attuale via Zamboni, che il nobiluomo allora adottò come sua principale residenza.

ANEXOS DOCUMENTAIS⁶⁸

Documento 1

1745, 24 de Março – Carta de Giuseppe Bibiena, escrita em Viena, dirigida a Giovanni Carlo Scinio Bibiena, em Bolonha, em resposta a uma carta deste último datada de 24 de Fevereiro. Arquivo Malvasia (AM), *Carteggio Malvasia* – Cx. 1464, n. 29 (1740)

[Fl. 1r] Carissimo, ed Amatissimo Signor Cugino

Resterà ella sorpresa al ricevere così tardi la mia lettera in risposta della sua scritta li 24. Febraio, mà si assicuri, che non l'hò ricevuta se non questo ordinario, onde credo non sarà ella per attribuire cio a mia trascuraggine, ma bensì alla gran negligenza della Posta.

Le dico pertanto il mio sentimento intorno li palchi, sarebbe bene fosser di legno col pavimento di pietra e per li Fianchi del Teatro, vorrei fare trè, o quattro nicchi nel muro d' ambi i laterali, per porvi delle scene, e così vi sarebbe più spazio. Ecco quanto le posso dire circa ciò, che lei mi propone nella di lei inviata, mà si ricordi bene che la mia intenzione si è che tutti li palchi siano di legno, mà li pavimenti di essi, e della Platea ancora sia di pietra, perchè se le dame, o altre signore vogliono portare li loro scaldini, li possono tenere senza pericolo di fuoco. Se a lei occorreranno altri dubbii, mi scriva, che non mancherò di darle il mio parere. La supplico per tanto di porgere li miei ossequios rispetti à quelle Eccellenze, pregando li a comandarmi, ove possa ubbidirli, similmente la prego de' miei ossequii all'Eccellentissimo Signor dottor Beccari alla sua Signora, ed à tutti li suoi Signori Fratelli, e col protestarmi di tutto cuore mi dico

Di vostra signoria carissimo signor cugino

Vienna li 24. marzo del 1745.

Umilissimo devotissimo ed obligatissimo Cugino

Giuseppe Galli Bibiena

Che volti il foglio

[Fl. 1c] avanti la mia partenza nel Imperio ove sono ricercato per costruire un novo Teatro è scenarii l'avisarò accio quando vostra signoria averrà qualche difficoltà à palesarmella, così sarò pronto in tutto ad ubidirli e servire questi degni cavaglieri, non hò potuto questa mia scriverla di proprie mani à causa la grand debolezza delle fatiche passate di queste Illuminazioni qualle lode à Dio ne

⁶⁸ Na transcrição dos documentos seguimos os seguintes critérios: as abreviaturas foram desenvolvidas; nas grafias ij e u/v transcrevemos i e u quando vogais, j e v quando consoantes; assinalámos as palavras não transcritas, por difícil leitura, com chavetas [...].

hò riportato onore è utile, mi riverisca tutti i suoi di casa e Parenti e amici, resto con il core sempre disposto

Devotissimo Servitore et Cugino

Giuseppe Bibiena

la sua lettera non hò ricevuto che cinque giorni sono

Documento 2

1750, 25 de Abril – Carta de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, escrita em Bolonha, dirigida ao conde Cesare Malvasia, em Roma. AM, *Carteggio Malvasia* – Cx. 1467, n. 32 (1750)

[Fl. 1r] Eccellenza

Nel rendere prima d'ogni altra cosa a Vostra Eccellenza le mie più ossequiose grazie per la continuazione della bontà generosa che anche da Roma si è degnata mostrarmi per mezzo del Signor Francesco dandomene replicate riprove, mi prendo in oggi l'ardire d'incomodarla a dirittura co miei caratteri giacché alcune novità accadute rispetto al nuovo Teatro che si pensa qui costruire, e alcune notizie a me giunte sembra mi diano loco a recedere dalla massima da me già fissata, e a poter supplicarla d'impiegare a mio favore il di lei autorevolissimo padrocinio. La mia massima per tanto è stata sin' ora, come è ben noto a Vostra Eccellenza di non escire in campo in competenza altrui, e di chi sapevo avere l'appoggio di que' Cavaglieri che avevano formato l' unione. Tanto mi persuadeva la mia onestà, e il mio decoro che avrei troppo inconsideratamente in tale positura di cose azzardato. Altro motivo a questi aggiungevasi, ed era che potesse nascere qualche congiuntura per me favorevole senza che io avessi fatta l'odiosità di far parte contra ad alcuno. Il Signor Conte Carandini molto a mio vantaggio portato, e fra gli aggregati già ascritto procurava destramente farla nascere, ed aveva fatti insorgere nell'esame del disegno, e pianta del Teatro esibita dal Signor Paolo Dotti tali e tante difficoltà, che avevano procrastinate fin'ora l'ultimo stabilimento: sperava ancora quando questo seguisse di avere un colpo di riserva nell' atto stesso dell' esecuzione; sapeva l'idea di destinare lo stesso Dotti alla direzione della fabrica, e destinarlo nel tempo stesso Custode del Teatro in premio del disegno, e progetto esibito: onde quando di tutto ciò si fosse venuto a discorrere aveva in pronto tali e tante eccezioni da produrre sopra la sua persona, abilità, e fede, che poteva sperare che pagatogli il disegno si destinassero ad altri la direzione, e la custodia; e in tale caso non mirando il Dotti a quella, ma al maggior guadagno che poteva ritrarre dalla direzione, e allo stabile che glie ne veniva

[Fl. 1r] della custodia del Teatro, vedendosi defraudato del conseguimento di ciò che gli era stato fatto sperare, non avrebbe certamente voluto dare il disegno perche poi fosse da altri eseguito. Nel tempo adunque che io stava spetta-

toze ozioso di quello potesse accadere porta il caso che o essendo il Signor Cardinale Legato voluto essere a parte di quanto que' Signori facevano e meditavano, o avendolo essi fatto partecipe delle loro intenzioni, perche forse stimassero di aver bisogno del suo favore; inteso di tutto ciò il Signor Conte Carandini per que' motivi che possono senza che io gli esprima essere a Vostra Eccellenza noti, hà creduto opportuno fino che era in casa travagliato dalla podagra col pretesto di alcuni suoi rilevanti interessi sopraggiungli togliersi dall'unione e dall'ingerenza in cotesto affare. Mancato a me in tal guisa il soggetto da cui poteva molto sperare mi trovo in grado di ricorrere a [...] validi uffizi e padrocinio di Vostra Eccellenza, e di procurare per mezzo di mio Cugino quella dell'Eminentissimo Segretario di Stato inducendomi a recedere dalla prima mia determinazione perche rilevo che il Signor Dotti con tutta l'apparenza di conseguire il suo intento mediante que' pochi fautori che hà in Bologna si aiuta senza saputa di essi segretamente anche in Roma. Ciò puo dedursi dall'essere stata presentata a Nostro Signor la Pianta del Teatro, e da lui rimessa al Signor Cardinale Valenti, come per mezzo del Signor Francesco si è compiaciuta farmi sapere. Ciò non puo essere seguito che per di lui raggiogo poi che mi assicura il Signor Conte Carandini non essere ciò accaduto ne per ordine ne con intelligenza della Congregazione. Quando per tanto Vostra Eccellenza voglia degnarsi di prestarmi la valida sua assistenza questo sarebbe il tempo giacche forse il Signor Cardinale Legato avrà spedito a Nostro Signor il memoriale per parte degl' interessati in cui lo suplicano di non dare orecchio a qualunque ricorso che potesse essergli fatto dagl' Impresari

[Fl. 2r] perché il progetto porta con se una specie a figura di lotto. Il Signor Conte Carandini per tanto propone di tentare per mezzo del Signor Cardinale Valenti che nostro Signor facendo il prescritto favorevole vi apponesse la condizione che il Teatro debba farsi sull' idea e direzione di Giovan Carlo Galli Bibiena ne altrimenti, ne in altro modo. I motivi poi (dice il Cavaliere) da persuadere il Signor Cardinale a conseguire un tale prescritto potrebbero essere, che il disegno esibito dal Dotti non è suo, ma del Signor Civoi; che lo portò a Venezia, e neppure colla fu piaciuto; che il Dotti altro non ne hà, ne è capace di farlo perche non sa neppure tirare una linea; che non sarebbe ne anche buono per la direzione di una idea che non è sua; che la sua persona è in totale discreditato presso il Paese tutto per mille titoli neppure decente ad esprimersi tal che ne anche i meriti del Vechio Padre sono stati sufficienti a fargli conseguire la ricercata coadiutoria di Architetto del Publico stimandolo più Architetto di Ciarle e di raggiogi che di operazione e di pratica. Dall'altro canto (soggiunge il Signor Conte Carandini) che potrebbe mettersi in vista il dispiacere universale del paese che il Teatro si faccia dal Dotti, e il desiderio eguale che lo facesse il detto Bibiena; essere tutti di questo cognome nati a tal professione le memorie lasciate per tutta europa dagl' Antennati de viventi i loro insegnamenti e precetti trascesi, e passati anche in quello che in oggi è in Bologna, e i saggi non pochi dati da questo in altre Città della sua abilità, e di essere un degno discendente de suoi più degni maggiori e il ritrovarsi presso di lui tutti i scritti e le memorie, e le piante di tutte le operazioni di quelli: onde parerebbe che vi

[Fl. 2^a] andasse della Gloria di Nostro Signor che dovendosi nella sua Patria eriggere una nuova fabrica alla quale nelle occasioni può dalla primaria Nobiltà ed intelligenti d' Italia ritrarre biasimo, o lode sia essa ideata, e diretta da chi più facilmente può farle sfuggire il primo, ed incontrar la seconda. Io non avrei certamente ardito ne di così scrivere rispetto al Signor Dotti ne in ordine alla mia persona, perchè l'uno e l'altro troppo a me disdicevole: ma il Signor Conte Carandini così hà in tutti i modi voluto; ondè ella si degni riconoscere non per miei ma come suoi i suddetti termini, ed espressioni. Lo stesso che m'impone di riverirla distintamente mi replica che cotesti crede i più efficaci motivi da conseguire l'intento, ma che li sottomette però a suoi saggi riflessi e alla sua miglior correzione. O siano da lei approvati o migliori sia per trovarne sarebbe un perdere quel poco prezioso tempo che può esservi a mio vantaggio attendendo la di lei prudente determinazione: per abbreviare quanto è possibile la strada. Mi prendo la libertà di scrivere in questo stesso ordinario a mio Cugino, acciò con Vostra Eccellenza sollecitamente si abocchi, e da di lei ordini e direzioni non si discosti. Si degni Vostra Eccellenza ascoltarlo e mi faccia in questa occasione meritare la continuazione delle pregevolissime generose sue grazie, mentre ora colla solita venerazione ossequiosissimamente mi confermo

Di Vostra Eccellenza

Bologna li 25 Aprile 1750

Umilissimo Devotissimo ed Obbligatissimo Servitore

Gioan Carlo Sicinio Galli Bibiena

Documento 3

1750, 9 de Maio – Carta de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, scritta em Bolonha, dirigida ao conde Cesare Malvasia, em Roma. AM, *Carteggio Malvasia* – Cx. 1467, n. 32 (1750)

[Fl. 1^a] Eccellenza

Mille ringraziamenti io rendo a Vostra Eccellenza per la degnazione che dimostra in ascoltare quanto si era proposto in mio vantaggio, e per gli ottimi consigli che mi dà. Io credo che si verifichi il sospetto suggeritomi da Vostra Eccellenza di mio Cugino anche per questo che io non hò ricevuto fino ad ora risposta alcuna del medesimo alla lettera che gli scrissi. E però io credo ancora che in questo stato di cose non mi convenga per ora fare altro passo per non mettere il piede in falso. Mi contenterò in questo mentre di essere spettatore di quanto sia per accadere intorno a questo affare, e rimetterò il tutto al volere di Dio. Io so che se per accidente capitasse a Vostra Eccellenza l'occasione di parlare a mio vantaggio ella si degnerrebbe di farlo, e per ciò non m'avvanzo neppure a supplicarla intorno a questo, avendo quotidianamente sperimentate riprove della sincerissima parzialità che degnasi avere per me. Stimarei che non fosse mal fatto, quando Vostra Eccellenza ciò approvi, l'indagare a tempo opportuno quali sieno gli Autori degli acen=

[Fl. 1^a] nati disegni per poter in tal maniera sapere da chi si abbia da guardare, mentre qui da Noi si è affatto all' oscuro circa questo particolare, essendo assicurato che dai Signori Cavaglieri Aggregati non ne è stato inviato alcuno. Se avrò qualche risposta da mio Cugino mi prenderò l'ardimento di comunicargliela. Il Signor Dottore Beccari m' impone di renderle vivissime grazie per la memoria che di lui conserva, e di umiliarle la sua ossequiosa servitù; ed io intanto pieno di stima, e di venerazione umilissimamente mi do l'onore di sottoscrivere.

De Vostra Eccellenza

Bologna li 9 Maggio 1750

Umilissimo Devotissimo ed Obbligatissimo Servitore

Gioan Carlo Sicinio Galli Bibiena

Documento 4

1750, 20 de Junho – Carta de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, escrita em Bolonha, dirigida ao conde Cesare Malvasia, em Roma. AM, *Carteggio Malvasia* – Cx. 1467, n. 32 (1750)

[Fl. 1^a] Eccellenza

Rendo infinitissime grazie a Vostra Eccellenza per la notizia recatami circa l'intenzione del nostro Cardinale Legato riguardo a me; e però ci guarderemo da questo prima incognito avversario. Vero è che il partito dei Signori Promotori, a me favorevoli per quello si può sapere, e udire, va di giorno in giorno crescendo. Quanto all'effettuarsi l'Idèa del Teatro sembra che i medesimi sieno in buona speranza. Iddio voglia pure che a queste speranze ottimo corrisponda l'affetto, come io bramo. In tanto io darò parte a Vostra Eccellenza che il Canonico mio Cugino nel suo passaggio per di qui mi diede contezza del suo operato a mio favore, e tra l'altre cose della singolare bontà di Vostra Eccellenza nel procurarmi vantaggi. Mi riferi il medesimo le espressioni a me favorevoli di Monsignor Mollinari, cosa che tutta la riconosco da Vostra Eccellenza che certamente ne sarà stata l'autore. Io vorrei sapere rendere i dovuti ringraziamenti. Le offro tra tanto i miei sinceri desideri. Quanto ai consaputi disegni ei m'impose di non avanzare altro per ora, che succedendo l'effettuazione del Teatro egli saprebbe avvertirmi di quanto dovessi fare. La notifierò in oltre

[Fl. 1^a] che sono arrivati a Bologna altri due miei Cugini figli di Giuseppe che si trova al servizio attuale del Re di Polonia i quali mi riferiscono essere il medesimo suo Padre talmente per ora impiegato nella Germania ed a codesto servizio, che non v'è luogo di credere, che egli possa per adesso trasferirsi in Italia. Ecco tolto di mezzo un'altro ostacolo. Il Signor Antonio Landi partirà entro il venturo mese per il Portogallo, per andarsene poi forse nel Brasile essendo stato impegnato in occasione di questa spedizione che si fa per questo Paese di

Matematici ed altri Professori in altro genere, e però pensa il medesimo di lincenziarmi le sue operazioni, e in spezie quelle delle due Chiese di Cesena a Vostra Eccellenza ben note, una appartenente agli Agostiniani, e l'altra ai Franciscani; staremo a vedere come l'intendono i Padroni, e forse di ciò se ne discorderà costi in Roma, e sperare nel vevole padrocinio di Vostra Eccellenza quando si presentasse l'occasione. Non occorre che io le dia

[Fl. 2r] parte dei vivi ringraziamenti, e dei riverenti Saluti del Signor Dottor Beccari perche so che Vostra Eccellenza se li imaginerà. Mi resta soltanto di supplicarla a perdonarmi, se io troppo mi avanzo con queste mie copiose ciance, e darmi il sommo onore di un qualche suo pregiatissimo comandamento protestandomi con tutta sincerità di essere quale umilissimo mi rafermo immutabile

Di Vostra Eccellenza
Bologna li 20 Giugno 1750
Devoto ed Obligato Servitore Vero
Gioan Carlo Sicinio Galli Bibiena

Documento 5

1752, 22 de Novembre – Carta de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, escrita em Lisboa, dirigida ao conde Cesare Malvasia. AM, *Carteggio Malvasia* – Cx. 1468, n. 33 (1752)

[Fl. 1r] Eccellenza

Malamente corrisponderei alle tante grazie che Vostra Eccellenza si e sempre degnata compartirmi, se dopo tanto tempo della mia dimora qui tralasciassi di esibirle una testimonianza del mio continuato umilissimo ossequio; Non l'ho fatto sin qui, per non tediarla inutilmente, con la sola notizia di poco riguardo e meno importanza del mio felice arivo, ma piu tosto ho voluto differire sino al potergliene accennare qualche d'una dell'esito delle mie prime operazioni, nelle quali Vostra Eccellenza per eccesso della sua benignità si e sempre degnata interessarsi con tanto mio honore e vantaggio. Il primo ordine datomi in fretta in fretta e appena sbarcato fu di fare il disegno del Teatro grande e stabile; lo feci con un'Idea che si adattasse per un Principe e non comune e venale; Tutto ha incontrato il genio delle Loro Maestà e di chiunque lo ha esaminato, e si eseguirà senza la minima alterazione. Hora si fabrica nell'ossatura ma essendo la fabrica grande, e gl'imbarazzi non pochi dubbitto che non sia per essere in ordine così presto e dentro il termine della mia convenzione; Il Teatro col scenario intero che feci subito in un salone del Palazzo Reale ebbe grazie a Dio

[Fl. 1v] l'universale approvazione, come sò avere Vostra Eccellenza inteso anche da altra parte, e non è stato poco essendo la situazione svantaggiosa, e scarsa massime di profondità; Hora si stà lavorando per il Teatro di Campagna, che è distante di qui in circa miglia trenta. Il Scenario si dipinge in Città e mi è stato

necessario metere al lavoro una dozzena di Pittori del Paese li quali a suo tempo spero che faranno, ma per hora conviene contentarsi se arrivano a fare in un giorno il lavoro che farebbe uno solo de nostri. Questo dovrebbe riuscire meglio del primo per ragione del sito che è assai piu vantaggioso nella profondità, io vo attendendo un pezzo in Lisbona alle scene, e un pezzo fuori alla fabrica. Dopo le feste tutto il lavoro, e la mia permanenza si ridurà fuori sino alla fine di Carnevale, non ostante che l'opera ha da andare in scena adì 17 in circa di Genaro. Intanto supplico Vostra Eccellenza a volermi continuare l'honore della sua vevole protezione, e dove mai potessi avere abilità nell'ubbidienza a suoi stimatissimi cenni la supplico altresì a non volere risparmiare la mia umilissima servitù che col piu profondo rispetto le ratifico

Di Vostra Eccellenza
Lisbona li 22 Novembre 1752
Umilissimo Devotissimo ed Obligatissimo Servitore
Gioan Carlo Sicinio Galli Bibiena

Documento 6

1757, 13 de Junho – Carta de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, escrita em Lisboa, dirigida ao conde Cesare Malvasia. AM, *Carteggio Malvasia* – Cx. 1470, n. 35 (1757)

[Fl. 1r] Eccellenza

Se la sorte a me favorevole, mi fece, da non pochi anni, ascendere all'onore de' pregiatissimi comandi di Vostra Eccellenza allorché mi gloriavo di obbedirla non solo, ma di rinvenire tutti quei mezzi per i quali mi potessi far degno del di lei aggradimento; maggiormente adesso mi rende contentissimo in vedendo quanta sia la buona fede, e la propensione che l'Eccellenza Vostra mi mantiene tutt'ora nel comandarmi del mio parere circa la esecuzione del di Lei nuovo Palazzo, i disegni del quale hò ricevuti per spedizione fattami dal ornatissimo Signor Dottore Pistorini, che me li indirizzò da Madrid; onde, sicome i cenni di Vostra Eccellenza sono le mie maggiori premure, così a costo di molte ben impiegate viglie e di que pochi momenti che di giorno, però scarsamente mi ritrovo avere, fuori delle continue occupazioni mie in servizio di questo Monarca; ho con mio sommo piacere minutissimamente esaminato e la Pianta di tutta la fabrica, e le due ben intese faciate. Vostra Eccellenza che ebbe la bontà di ricercarmi del mio parere, avrà ancora la soferenza di sentirlo categoricamente esposto, il quale se da Lei verrà considerato accettabile, maggiormente avrò motivo di gloriarmi della mia propizia sorte, che in questa parte ancora dipende dalla soddisfazione dell'Eccellenza Vostra.

Quanto alla Pianta, ritrovo essersi conservato molto del vecchio, ed avere molto bene unita la Casa del Coleggio Panolini al Palazzo Manzoli, che merita di essere conservata, e con le nuove aggiunte avere coretto molto bene i difetti antichi. Il passaggio indicatomi del Palazzo alle case unite a S. Donato, appun-

to riuscirà non solamente di comodo, ma di ornamento ancora allora che seguirà l'ordine del Palazzo, e legghi con proporzionata simetria, quantunque non ascenda a tutta l'altezza del medesimo. Di gran comodo, e perfezione per tutta la fabbrica saranno le due piccole Case interposte fra il detto Palazzo, ed il consaputo Coleggio. Mi persuado che i comodi che in esso si ritrovano siano molti, i quali suppongo riusciranno perfetti con poca spesa. Molto bene collocata ritrovo la Scala principale, giacché vicina alla entrata, facile a presentarsi, ed alla destra dell'ingresso; cose tutte proprie, e necessarie, secondo i più rinomati Autori, allorché la necessità non obblighi diferentemente. I Disegni delle due nuove facciate, eleganti li ritrovo, particolarmente esaminando le circostanze che anno obbligata la distribuzione delle sue parti; e certamente per rimediare con giustatezza ad un strapiombo, come mi significa, di cui io pure mi ricordo, ed non restringere una strada per sé molto angusta, e fortificare con tutta sicurezza, una fabbrica in molte parti già lesa, e risentita, meglio non poteva contribuire che un ordine rustico, il quale non obbliga a grandi sporti, e fortifica con tutta sicurezza, ingrossando solamente il necessario per metterla in piombo, con un bassamento a un tempo stesso nobile, maestoso, non meno che forte; non ci ha da dispiacere la sua sveltezza negl' Archi, perché oltre l'essere assretti da una simile distribuzione di pilastri, e dall' altezza del piano, introduce maggior lume; e poi ciò non è dispiaciuto ad un Vignola, ad un Serlio, e ad un Tibaldi; che ce ne lasciò esempio nel vicino Palazzo Magnani, che ha dato luogo alla saggia risoluzione di valerssi di tal esempio per conservare non solamente l'entrata del Coleggio Panolini [sic], ma ancora per formare un decoroso finimento, che potesse avere all'altro canto una giusta, e vaga corrispondenza, senza confondere la unione delle due facciate; cosa che alcuni de' nostri moderni si vergognerebbero di fare, dubitando se gl'imputasse avere

[Fl. 1v] copiato, male avveduti che il vero fondamento di un Architetto non è solamente lo inventare, ma ben sì il sapere adattarsi a que' precetti che tanti gravi Autori ci danno per esempi. Ben m'avveggo che gli ornati della facciata antica, oltre il ritrovarsi in pessimo stato, non era possibile il conservarli, stante la necessità della nuova distribuzione, e sarebbero riusciti troppo grandi; poi non corrispondevo con i vani inferiori tanto nel antico che nel moderno, cosa molto necessaria per non indebolire le fabbriche. Impercettibile si è poi nel nuovo disegno il difetto, che per ragione della differenza di livello, nella strada si ritrova; però è necessaria molta attenzione, e cautela nel eseguirlo. L'essersi stabilito di farsi le finestre del terzo ordine della medesima larghezza di quelle del ordine nobile, e darle a que' un sesto di meno in altezza, è cosa autorizzata dal Paladio, e ciò basta per essere buona. Molto mi agradi all' occhio l'ottimo ripiego di unire la cornice, o sia cimaglia delle sopradette finestre dell' terzo ordine, con le membrature dell' Architrave della cornice superiore della fabbrica, nella qual cosa, oltre l'essere molto plausibile il far comparire eleganza, quello che è necessità, basta il dire che il divino Raffaello usò di questo medesimo ripiego per il proprio Palazzo in Roma di sua invenzione, e disegno; e forse questi non era astretto a delle altezze obbligate come noi siamo. Approvo molto che si ponghino le quattro colonne nel ingresso sotto alla ringhiera, e che non meno di due

terzi rissaltino, mentre condecora meglio il mezzo della facciata, e fa comparire nel medesimo tempo forte, e leggero lo sbalzo della già detta ringhiera. Questo è quanto intendo di poter dire in rapporto di quello che Vostra Eccellenza mi onora di manifestarmi nella di lei stimatissima; mi darò l'onore di esplicarle alcuni miei riflessi, quali non assericco che siano per essere necessarii, ma potrebbero essere, suppongo io, di qualche incontro per le ragioni che sono per dimostrare.

Principieremo addunque dalle sopradette colonne, le quali, essendo unite ad un ordine rustico, pare che dovessero partecipare de medesimi ornamenti, che sono matonature le quali mostrano di legare que pilastri, anzi formarli, e perché tutte le pietre non ponno essere della medesima grandezza, alternativamente sono intiere, ed altre spezzate, e queste medesime, tendendo ad un centro, chiudono sopra di que' pilastri un arco; ma tutto corrispondente, e ben unito, onde se unite son' le colonne, perché non anno da corrispondere suoi ornamenti? Molti sono gli esempi che mi si potrebbero addurre in questo particolare; però per il mio riflesso (fra que' molti che si potrebbero nominare) stà il nostro Serlio, molto indifferente, come chiaramente si vede dalle raccolte dell'Architetto anonimo di Vicenza, impresso in Venezia per Angelo Pasinelli dell'Anno 1741. tavola 5. lettera C. figura 3, e tavola 6. lettera C. figura 3; ed oltre di ciò il Tibaldi ce ne hà lasciato un'esempio nell'Arco maggiore del portico afronde della porta maggiore della nostra Dogana, senza far gli altri esempi che non mancano nella medesima nostra Città, senza andare a Firenze nel Cortile del Palazzo Pitti; in Roma la Porta del Palazzo di Sisto V in Laterano, dal Cavalier Fontana, etc. Però, siccome nella elezione

[Fl. 2r] delle cose, noi dobbiamo sempre appigliarsi a quello che a prima vista appaga l'occhio di tutti, per la uniformità corrispondente a tutte le parti, senza che si abbi motivo di essere ricercato del perché si fecero piuttosto colonne lisce, che corrispondenti al rustico; così mi sembra più proprio il valersi degl' esempi di quelli che favoriscono la nostra ragione perché è tanto bene adeguato, che invece di dar loco ad alcuna, ancor che minima obbiezione, ognuno resti persuaso; e la fabbrica invero è sempre più perfetta. Certo è che riguardando al loro ufficio, quale non è di sostenere un grande peso, non debbono essere tutte intiere matonate, ed anche per non levarle la sua leggerezza, che bene accorderà con la balaustrata, ma solamente in proporziata distanza, e corrispondente incirca ai terzi, e secondo il parer mio, nel terzo inferiore potrebbe incontrare una con la quinta, e l'altra con la terza bognatura de' pilastri, e finalmente nel terzo superiore a quella corrispondere che serve di capitello ai sopr' accennati pilastri. Hò poi notato che nella medesima bognatura che serve di capitello o sia imposta, viene a cadere la spezzatura per [os]servare l'alternativa; lo che non può essere, ne se ne hà alcun esempio; poi che il capitello è la chiave che tiene unita la parte superiore del pilastro, e serve di base all'Arco, e per questi ufficii deve per necessità essere più forte degl'altri; a questa riflessione non se gli può opporre, ne recare imbarazzo veruno, ancor che tanto inferiormente, che nella parte superiore resti unito ad altre due bognature intiere; che anzi li renderanno più forti, e come quella di mezzo sbalzerà più di tutte per formare il capitello, o sia imposta, perciò non si confonderà con l'altre.

Non sò se per la piccolezza del disegno io ben' abbia potuto esaminare le altezze de varie delle finestre dell' ordine nobile, le quali mi sembrano solamente giustissime ne' due quadri cosa che non è imperfezione, ma è quelmeno che se li puol dare di sveltezza, molto più che nella facciata principale abbiamo lo sbalzo della balaustrata, ed in quella del fianco, per la strettezza della strada in rigore di prospetiva non disdirebbe la sua sveltezza, però che non eccedesse il sesto di sua larghezza come vari autori c'insegnano, ciò però allorché non sieno stati astretti dell'intiere della fabrica a contenersi così. Suppongo che le proieiture, o sieno sporti di qual si voglia parte, non saranno alterati, perche, se molto, sarebbe difetto dalla parte laterale per cagione della strettezza della strada; se poco, sarebbe imperfetta la facciata principale della Piazza.

Sento con reciproco dispiacere delle parti, i contrarii principii di cotesto Teatro, e rendo quelle grazie che più si convengono per l'amoroso riflesso che anche in questo Vostra Eccellenza hà manifestato di avere per me, di cui non sò rinvenire alcun merito per esigere tanta estimazione. Però questo che posso dire in questo particolare, si è (e Vostra Eccellenza forse non sarà lontana del parer mio) che il dovere in un'opera publica incontrare l'aggradimento di pochi, fu sempre laborioso, non che difficile, quanto più poi quello non solo di una numerosa, e per ogni riflesso rispettabile Assemblée, mà di una Città tutta, che nel buon gusto non la cede, si può dire senza ironia, alle maggiori dell'Europa? Che che ne sia, in quanto a me, siccome ammiratore delle opere de' saggi, e veneratore del sentimento dei dotti, in tutto, e per tutto mi rapporto a un rispettosissimo silenzio.

[Fl. 2o] Vostra Eccellenza per un troppo amorevole inganno della mia persona, volle sentire il parer mio; ed io, dopo di averla obbedita, mi sottometto alla lei saggia determinazione come giudice bene adeguato del proposto, e del conseguente. Questo è quanto mi è paruto di potere, e di dover dire in adempimento de' rispettabili, e da me venerati comandi dell'Eccellenza Vostra; e secondo la forza del mio troppo limitato talento, per poter vantar l'onore di perfettamente soddisfare ad un egregio Signore, che in ogni regola di prudenza, e di sapere tiene il primato tra coloro che nel mondo veramente colto meritano di essere anoverati fra gli uomini.

Supplivo Vostra Eccellenza ad avere in grado le giuste espressioni dell'ossequioso, e sincero mio cuore, mentre con lo spirito (dacché, mio malgrado, non mi è dato poterlo fare della persona) mi presento all'Eccellenza Vostra supplicandola a non voler deludere quelle speranze che nudrisco di potere con l'opera mia, in qualunque stato, e luogo farle conoscere in fatti che sono e sarò sempre

Di Vostra Eccellenza

P.S. Alla prima occasione non mancherò di trasmetterle i noti disegni del Palazzo vecchio.

Lisbona li 13 Giugno 1757

Umilissimo, Devotissimo ed Obligatissimo Servidor vero Osequandissimo
Gioan Carlo Sicinio Galli Bibiena

STEFANIA MARTINI

Un quaderno inedito di Carducci sull'*Inferno* di Dante

Dall'elenco dei ventiquattro *Temì* per gli esami speciali di *Letteratura Italiana* che Carducci assegnò ai suoi studenti nel 1872-1873 è possibile dedurre che in quell'anno accademico egli dedicò un terzo dei suoi corsi, e forse la parte centrale, alla struttura dell'*Inferno* dantesco, alla proporzione fra i tre regni e più particolareggiatamente all'analisi dei canti XI-XV della prima cantica.¹

Come egli stesso scrive a Carolina Cristofori il 9 febbraio 1874, le sue lezioni sui testi di Petrarca e di Dante, se riunite, sarebbero le «cose sue migliori», ma, aggiunge con il tono di chi non sa né può opporsi al fatale disperdersi delle idee che gli balenano nella mente, «son tutti pensieri che vanno perduti, o sono soltanto raccolti negli appunti degli studenti, e scheletrati nei temi d'esame».²

¹ Vedi *Temì per gli esami speciali di Letteratura Italiana nell'Università di Bologna, Anno scolastico 1872-73*, in *Opere di Giosuè Carducci*, Edizione Nazionale, Bologna, Zanichelli, 30 vol., 1935-1940 (d'ora in poi OEN), XXVII, p. 207-208; i temi dal I al VII concernono argomenti di storia letteraria antica (p. 205-206), i temi dall'VIII al XVI *Inferno* dantesco (p. 207-208) e i temi dal XVII al XXIV *le canzoni politiche di Petrarca* (p. 208-209). L'impegno su Dante è confermato in parte dall'epistolario, vedi *Lettere di Giosuè Carducci*, Edizione Nazionale, Bologna, Zanichelli, 22 vol., 1938-1968 (d'ora in poi LEN), VII, a Lidia, Bologna, 7 gennaio 1872, p. 87 e *ivi*, a Lidia, [Bologna], 22 febbraio 1872, p. 115: il poeta dichiara in entrambi gli scritti di essere concentrato nello studio dei «commentari antichi» della *Commedia*.

² Citato dall'autografo, Bologna, Casa Carducci, Cartone XC, 9 febbraio 1874; cfr. LEN, IX, a Lidia, [Bologna], p. 37-38; STEFANIA MARTINI, *Per Carducci dantista*, in «Atti della